

“SE EU ESTOU AQUI HOJE É POR ELAS”: SOBRE UMA ÉTICA DO CUIDADO NA ENVELHESCÊNCIA LESBIANA¹

Isabella Gonzaga Guimarães Silva

*Mestranda do Curso de Mestrado em Antropologia Social da
Universidade Federal de Goiás- UFG, isabellaborges08@hotmail.com*

Luis Felipe Kojima Hirano

*Professor Orientador: doutor, Programa de pós-graduação em
Antropologia Social-UFG, lfhirano@gmail.com*

Resumo

Esse trabalho busca discutir a ideia de economias afetivas a partir do campo etnográfico, em andamento, realizado junto a mulheres lésbicas idosas residentes na cidade de Goiânia. Em especial, trata-se de refletir sobre os rendimentos analíticos da experiência de três amigas que decidiram “terminar a vida” juntas. Mais do que uma pesquisa em torno do envelhecimento de mulheres que enunciam-se como lésbicas, trata-se de tensionar discussões como cuidado, micropolítica e aquilo que a antropóloga Veena Das intitula de ética ordinária. Buscando, desta forma, lançar inteligibilidade ao modo como as experiências de intersecção entre trauma, violência e abjeção, ao longo de seus cursos de vida, possibilitaram a emergência de uma ética do cuidado entre elas.

Palavras-chave: envelhecimento lésbico; cuidado; economias afetivas.

1 Este artigo é fruto de uma pesquisa de mestrado, em andamento, realizada junto ao programa de pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Goiás. Possui financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Introdução

As reflexões que aqui se seguirão advêm de uma pesquisa de mestrado que busca seguir as linhas de vidas constitutivas das etnobiografias (Cardoso; Gonçalves; Marques, 2012) de lésbicas envelhescentes. Apesar de, numa biopolítica, serem enquadradas como idosas, as interlocutoras acionadas na presente discussão não se identificam propriamente com esta categoria. Por isso, seguindo com Simões (2011), é mais adequado falar em mulheres envelhescentes do que propriamente idosas. Residentes em Goiânia, com idades de 65, 66 e 68 anos as interlocutoras propositoras das reflexões aqui analisadas, são lésbicas que se identificam como brancas e advindas das classes populares. Estão ligadas por um laço de amizade que perdura há mais de 40 anos, recentemente conseguiram adquirir uma casa e enfim realizarão um antigo sonho de habitarem o mesmo lar.

O gesto de constituírem um lar compartilhado é como a “afirmação de suas vidas através das reconfigurações das ideias de ‘lar’ e ‘casa’” (AZEVEDO, 2016, p. 5), já que a forma como suas trajetórias se cruza e imbrica-se acontece, justamente, quando suas existências são expurgadas dos tradicionais lares das famílias heterossexuais e reprodutivas. Com trajetórias sintonizadas por experiências de rejeição familiares, em razão de suas orientações sexuais, de vulnerabilidades e traumas, o encontro entre elas, nos idos dos anos 80 permitem etnografar, através do processo da pesquisa da pesquisa feito com entrevistas, processos de subjetivação que podem ser visualizados na ética da amizade (Eribon, 2005) e do cuidado basilar da relacionalidade aqui explorada. Um cuidado específico, é preciso dizer, que não cessa de ser gestado por essas mulheres. Afirmando-se lésbicas, parecem o tempo todo dizer que a cotidiana prática de cuidado, aqui qualificada como uma ética e estética da existência (Foucault, 1984), só poderia ter sido suscitada por sujeitos que não cessaram, ao longo de suas trajetórias, de atuarem, micropoliticamente, para que seus modos de vidas fossem considerados de fato, vida (Butler, 2019[1998]),

“(...) olha, eu não sei como as meninas da sua idade estão lidando com isso, sabe?! Com ser lésbica, homossexual... Eu demorei muito pra me aceitar, sendo eu mesma. Você pode até achar estranho, mas ainda estou aprendendo a deixar de achar que sou

anormal. Se não fossem por elas, eu nem sei, não estaria aqui conversando com você hoje. Eu sei que pra elas também não foi fácil, mas juntas a gente soube aprender a amar o nosso jeito. E a ajudar outras pessoas gays a não desistirem de serem elas mesmas. Não sei com você ou as pessoas da sua geração, mas a certeza de que a gente não é digno é uma coisa que muita gente homossexual da minha idade teve que aguentar. Se eu estou hoje é por elas e porque elas são homossexuais também. Elas sabem das dores. O que eu estou querendo explicar é que assim, eu nunca quis deixar de ser eu. Eu sempre gostei dos tipos de coisas que a gente faz. É difícil explicar também. Mas agora eu acho que estou numa fase maravilhosa da minha vida. Estou mais leve por conseguir falar de mim sem ficar com vergonha ou raiva.” [Entrevista com Rosana, 68 anos. Goiânia, 23/11/2020]

Rosana é uma das minhas primeiras interlocutoras, foi ela quem me apresentou suas amigas e me inseriu nessa partilha do sensível que é a relação entre essas três mulheres. Quando me contaram da aquisição da residência, um mundo se abriu. Imediatamente o recente trabalho etnográfico da Antu Sorainen (2020) veio à mente. Em “Gay Back Alley Tolstoys and inheritance perspectives”, a pesquisadora acentua a cotidianidade e sobretudo a solidariedade como constitutiva de um tipo de parentesco desenvolvido entre 4 gays de meia-idade, entre 40 e 50 anos, localizados nas classes médias e moradores de Helsinki, capital da Finlândia. Situado nos estudos de “*parentesco queer*”², a mencionada pesquisa etnográfica desvela formas de fazer parentesco fora de alguns marcos tais como a conjugalidade, o matrimônio e a gestação. Fazendo-se parentes de forma não-convencional, fora dos marcos legais do que pode ser considerado parente.

Aqui não pretendo discutir a feitura de um parentesco entre as interlocutoras, mas sim pensar com elas e com suas narrativas

² *Parentesco queer* pode ser considerado uma campo de investigação que busca estudar, pesquisar e etnografar a partir de arranjos não-heterossexuais formas outras de fazer família e parentesco. A antropóloga estadunidense Kath Weston é considerada pioneira na constituição desse campo. Em um trabalho etnográfico realizado em 1991, Weston etnografou as “família de escolha” de sujeitos LGBTQ após suas saídas do armário e a rejeição da família biológica. O trabalho do antropólogo brasileiro João Victor Gomes Varjão (2020) possui uma importante revisão bibliográfica em torno do tema, assim como contextualiza seu campo etnográfico, realizado na Bahia, no debate.

biográficas o que significa a escolha de “terminarem a vida juntas”. Para isso foi necessário pensar, primeiramente, o aspecto cotidiano de um cuidado entre elas e de como isso está intimamente imbricado com a postulação de uma ética ordinária (Das, 2020[2006]) nesta relação. A decisão de envelhecerem juntas só pode ser pensada em complexidade. Não se trata de interpretar esse acontecimento, mas de um movimento de descrição e visibilização de camadas de significação que levam até o habitar juntas. Tais camadas são tomadas nos processos de enunciação e relato de si mesmas, tanto em entrevistas quanto em conversas informais do dia-a-dia.

Suas falas são e estão sendo pensadas a partir daquilo que Roland Barthes denomina de *punctum* (Barthes, 1984; 2018), conceito qual o teórico utiliza para discutir as possibilidades de sensibilidade e afetos das fotografias. Pensando as fotografias como um sentimento, fazendo assim um chamado aos detalhes e para uma atenção às emoções contidas na imagem. É então nos detalhes- ou melhor, na forma de enxergar as narrativas de si ao modo como Barthes enxerga as fotografias- e no *mode mineur*, como colocado pelo antropólogo Albert Piette (1992), das narrações de Rosana, Antônia e Cleide³ que é possível entrever o gesto do lar compartilhado como expressão da singularidade de experiências inscritas nos corpos, nas vidas e biografias de pessoas que, como as três amigas, estão fora da matriz heterossexual de coesão entre gênero, desejo e sexualidade. É por ocuparem o local da abjeção (Butler, 2019 [1998]) que certas sensibilidades e éticas do cuidado puderam emergirem.

Economias afetivas e do cuidado

Quando perguntadas como elas qualificavam a relação, responderam que era uma “amizade além do tempo” e que eram “amigas-irmãs”. Apesar de não acionarem as categorias “famílias de sangue” e “famílias de coração”, tal como fizeram os interlocutores da pesquisa de Henning (2014), a forma como esse antropólogo tomou heurísticamente a circulação do cuidado entre aqueles que participou de sua pesquisa etnográfica é uma referência para pensar o aspecto cotidiano,

3 São nomes fictícios. Tal como previsto no TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) assinado pelas interlocutoras.

processual e temporal da economia do cuidado percebida na relação entre as três amigas-irmãs. Em especial, o conceito de *aprendizado do cuidado* (Henning, 2014, p.368) aponta para a imaginação de certa pedagogia das sensibilidades pelas quais certas existências passaram. De forma dolorosa, é preciso ressaltar. Uma significativa percepção colocada em circulação no trabalho em questão, diz respeito a como a produção de cuidado entre seus entrevistados está relacionado à certas *sensibilidades geracionais* (ibidem). Isso porque os homens que participaram da pesquisa experienciaram diretamente os efeitos da epidemia de HIV/AIDS, nos anos 80 e 90, significando para muitos deles as primeiras experiências de constituição de redes de suporte e cuidado. Refletindo nas formas como agora, envelhecidos, reatualizam tais práticas e redes.

Tomando, também, a perspectiva da HIV/AIDS como produtora de subjetividades Zamboni (2015) focaliza o local das mulheres lésbicas durante a primeira fase da epidemia (1983-1997). Propõe, a partir de seu trabalho de campo, uma imagem muito potente para pensar o circuito de afetos e emoções entre minorias sexuais e sua reverberação nas memórias daquelas que dispuseram seus corpos à dor de seus amigos. Comumente pensado como imune, o corpo lésbico foi invisibilizado e por não serem consideradas pessoas atravessadas pela epidemia, as mulheres lésbicas recebiam “menos recursos para sustentar sua atuação na esfera pública” (ZAMBONI, 2015, p. 140). É com as narrativas tomadas ao longo de entrevistas com mulheres lésbicas de meia-idade, que o pesquisador propõe uma perspectiva alternativa “para pensarmos os efeitos da epidemia sobre corpos marcados em termos de gênero. Mudando o foco da transmissão do vírus para as *interlocações da dor* podemos enxergar a aids de outra maneira, como um problema compartilhado, inclusive por corpos que nunca carregaram o vírus.” (ibidem p. 140-141). O que parece estar implícito no artigo em questão é que a abertura dos corpos lésbicos para a transmissão das dores dos atingidos biologicamente pelo vírus, significa pensar na feitura de uma disposição por parte das amigas lésbicas.

Os conceitos propostos e manejados por Henning (2014) e Zamboni (2015) encaminham a discussão para pensar a economia de afetos (Ahmed, 2004; 2006) operante na relação existente entre Rosana, Cleide e Antonia. O drama do HIV e da epidemia de Aids não apareceram nas suas narrações, mas os encadeamentos de ideias propostas pelos dois antropólogos permitem pensar a especificidade do

cuidado quando tomado a partir de uma lente que focaliza a interseção entre diversidade sexual e expressões geracionais. Uma imbricação cuja ênfase é necessária pois é mesmo o “ponto de partida” para a abertura das camadas de significados contidos no movimento que desencadeou a discussão aqui compartilhada. A sugestão propositiva deste trabalho é a de que uma das vias para pensar a casa, enquanto uma expressão de um cuidado produzido cotidianamente, compartilhada por três amigas lésbicas envelhescentes, reside no acento dado por Sarah Ahmed (2004) ao caráter coletivo das emoções e de como elas produzem mundos e corpos.

É em “The Cultural Politics of Emotion” (Ahmed, 2004) que encontramos a formulação da teórica feminista sobre a circulação, e de uma espécie de sociabilidade, das emoções. Um aparato conceitual importante para refletir a maneira pela qual “sujeitos alinham-se uns aos outros” (AHMED, 2004, p. 119). Ao pensar as emoções e afetos enquanto vinculativas, ou melhor, como performativos, a socióloga possibilita enxergá-los como materializações, ao longo do tempo, nos corpos dos sujeitos. Sua proposta é a de enxergar emoções e afetos como exteriores aos sujeitos e que seus efeitos se dão, de fato, em como eles circulam entre os corpos. Ao definir que sua teoria trata de abordar a emoção como “uma forma de política cultural e de construção de mundo” (ibidem, p. 38) Sarah Ahmed abre caminho para pensar como nas narrativas das três amigas interlocutoras, os afetos de dor, as emoções advindas da violência lesbofóbica e das expressões de trauma produziram nesta relação práticas de cuidados intensivas que contam da forma como elas percebem-se e estão no mundo (Ingold, 2015).

Na densidade contida nas palavras dadas por Cleide conseguimos visualizar esse entrelaçamento entre afetos que circulam entre corpos, cujo atravessamento de certas experiências residem no fato de serem mulheres lésbicas, e a constituição de uma ética ordinária do cotidiano na relação que ela mantém com suas amigas-irmãs,

A gente já tentou várias vezes morarmos juntas. Mas sempre dava algum problema. Quase sempre foi porque a pessoa de quem a gente ia alugar o imóvel não aceitava três lésbicas na mesma casa. A gente sempre teve esse tipão, então quem vê sabe. E não sei, sabe, acho que as pessoas tinham ou tem uma ideia de por sermos homossexuais somos da bagunça. Eu

e Rosana até moramos um tempo juntas, mas depois ela arrumou uma mulher e foi morar com ela, mas assim, nunca nos separamos não. É até esquisito, né? Mas é que eu não tenho muitas amigas além delas. Não fiz muitas amizades, assim de pessoas com quem eu posso falar de mim, das minhas vontades, de mim de verdade. Tem os colegas de serviço, mas nunca me abri assim não. Ai, acho que eu tenho isso com elas porque eu sou inteiramente eu com elas. Mas foi com tempo também, você vê eu sou amiga delas desde os meus vinte e poucos anos. É com o tempo que nós três nos tornamos inseparáveis. Eu falo pra elas das mulheres, das coisas mesmo mais a ver comigo. Eu já fui muito humilhada pela minha família, já fui agredida, mesmo nem morando com eles mais. E elas sempre me acolheram e sabe, elas entendiam a sensação e a gente já compartilhou muitas situações humilhantes e de desprezo. Elas até me incentivam a ainda arrumar alguém. Eu vou te contar, mas eu com essa idade só tive 4 namoradas. Nunca consegui me entregar muito nos namoros. Até acho que fui ruim para as mulheres que tive, porque eu não conseguia demonstrar as coisas por elas. As vezes eu sumia. Não é fácil né ser lésbica, né menina [risos]. Até brinco que meu tratamento são essas duas, a gente segura uma a outra. A gente se cuida muito, e vamos terminar essa vida juntas, pelo jeito [risos]. Com elas eu aprendi tudo de bom que sei. Quando sua família odeia quem você é, você acha que não vai mais encontrar amor e carinho nesse mundo, mas eu encontrei e muito. E acho que nós três fomos reaprendendo uma com a outra a como não desistir de viver. O mundo, a vida, fica melhor quando você pode simplesmente ser você, fazer o que você gosta, e eu até hoje sigo aprendendo com elas que eu posso. [Entrevista com Cleide, 65 anos, via whatsapp. Goiânia, 25/11/2020]

Trata-se de prestar atenção naquilo que a teórica discute em termos das emoções estarem envolvidas “com leituras de como os corpos se abrem para serem afetados.” (AHMED, 2004, p. 185). Tanto no trecho da conversa com Cleide, quanto no da Rosana, salta aos olhos a forma como narram a construção da amizade e a ênfase dada nas formas de acolhimento e manejo das dores e violências não apenas como aquilo que marca a relação, mas como dinâmicas que contam de um

contínuo processo de abertura à vida. Há aqui uma notável conexão com o projeto de antropologia ingoldiana de “restaurar a antropologia à vida” (INGOLD, 2015) isso pois, existe uma aproximação entre o que Tim Ingold define como sendo a ocupação da antropologia “a investigação constante e disciplinadas das condições e potenciais da vida humana” (ibidem, p. 25) com os relatos das amigas de como produziram formas de constituírem suas vidas lesbianas apesar de terem acesso a uma economia de possibilidades muito escassa para isso. Os relatos de suas vidas também permitem etnografar a definição de vida como “em suma movimento de abertura, não de encerramento” (ibidem, p. 26). É possível, então, pensar em gestos micropolíticos de abertura à continuidade da vida.

Micropolítico por serem práticas, arranjos e modos constituídos em seus cotidianos (Certeau, 2002). Foi na criação cotidiano e ao longo do tempo que as três amigas constituíram para si mesmas formas de contra-subjetivação. O que isso significa? Trata-se de seguir os rastros e as linhas das maneiras pelas quais essas mulheres engendraram ao longo de seus cursos da vida formas de subverterem as verdades dadas como possibilidades a elas. Um pequeno trecho da fala da Cleide consegue entregar uma boa imagem do que se vem dizendo até agora:

Olha, não foi fácil. Hoje já é outro mundo. Pra você, pra elas e pra mim mas nem sempre foi assim não. E a gente aqui que se desdobrou para que pudéssemos sermos nós, muito tempo para respirar aliviada e não com medo por sermos assim, como somos. É só o tempo mesmo para poder dizer. Devagarinho a gente foi vivendo, eu nunca fui de ficar pensando assim, ‘ah, um dia vai mudar’. Não, nunca fiquei assim no aguardo de casamento igual tem hoje. Que pra mim, não estou querendo falar que assim para as outras pessoas, não mudou muita coisa. Eu sempre fui mais de pensar em como eu poderia me crucificar menos. Parece que a gente que é assim mais antiga é difícil ver algumas coisa pra gente, mas igual eu te falei tudo é aprendizado também. Por isso eu não gosto muito de achar que estou velha. Eu sei da minha idade, mas sabe? Não faz muito tempo desde que comecei a curtir mais, viver mais. Eu não vou ficar colocando culpa em ninguém, mas olha era tenso na nossa época, mas a gente tá aqui até pra te ajudar com seu trabalho.

Quer dizer que é importante né?[Cleide, entrevista por whatsapp. 65 anos, via whatsapp. Goiânia, 25/11/2020.]

Cleide nos entrega uma imagem do que, também, pode ser esses agenciamentos micropolíticos: o conjunto de gestos e práticas que dirigem-se a uma *autorrecuperação*⁴, neste caso. Ao fazer uma diferenciação entre o a conquista do casamento homoafetivo no Brasil e os caminhos percorridos para um aprendizado para “se crucificar menos”, ela nos entrega na práxis uma das formas de entender o que é micropolítica. Se trata de um retorno a si, mas não um gesto narcísico, mas de um retorno a fim de criar formas de desterritorializar as censuras e as violências e criar movimentos de fuga e assim produzindo possibilidades de vida não-heterossexuais. As marcações temporais são bastante intrigantes e importantes pois constituem entradas para pensar as temporalidades lésbicas. Acompanhar por meio da etnografia os processos de duração (Carvalho da Rocha; Eckert, 2013) das constituições de si como mulheres lésbicas enquanto narram desde de os seus mais de 60 anos é perceber como o cotidiano e o ordinário (Das, 2020) estão imbuídos em acontecimentos pretéritos, reatualizados sempre que são acionados para atuarem como suporte de suas elaborações de si. Ao contarem da casa, do lar compartilhado, as amigas produzem narrativas que explicitam a forma como experimentaram suas sexualidades ao longo dos cursos da vida.

Dentro de um gesto há mundos. A definição que Veena Das dá ao tipo de trabalho por ela realizado é também sugestivo para os tipos

4 No artigo “Sobre a autorrecuperação” (2019), bell hooks afirma que a autorrecuperação consiste em um processo “pelo qual o indivíduo dominado e explorado experimentaria uma nova e diferente relação com o mundo” (p. 82). Para isso, no entanto, hooks assinala para a criação de uma linguagem e de discursos que consigam realizar essa outra relação com e no mundo. Em seu caso, a escrita do livro “Ain’t I a Woman” foi como um ato de restauração, um ato de autorecuperação. Parece ser possível pensar a autorecuperação nas narrativas de Rosana, Cleide e Antonia. Por via de uma linguagem dos afetos e do cuidado que também é uma discussão proposta por hooks. Em “Tudo sobre o amor: novas perspectivas” (2021), bell hooks propõe pensar em uma ética do amor que proporciona cura e cuidado a si mesmo e para aquelas quem amamos. Há aqui uma conexão muito interessante com a amizade entre as três interlocutoras, essa definição do amor como uma prática de cura parece estar todo o tempo implícito em suas palavras. É a relação afetiva entre elas que possibilitou a continuação de suas vidas, a continuidades de seus desejos não-heteronormativos e a constante restauração da vitalidade em suas trajetórias.

de encaminhamentos que aqui se pretendeu fazer. Trata-se, como colocado por Das, “(...) não é o descrever esses momentos de horror, mas de descrever o que acontece ao sujeito quando a memória de tais eventos está guardada nos relacionamentos existentes” (DAS, 2020, p. 30). Dessa forma, este artigo não teve por objetivo pensar as violências e lesbofobias que marcaram as vidas das três amigas, mas de desenvolver a percepção de que a constituição de trajetórias compartilhadas entre elas e mais recentemente a habitação partilhada desvelam sensibilidades temporais, subjetivas e singulares. Uma racionalidade cuidadosa como a das três amigas permite, então, pensar que tipo de memória lésbiana está guardada entre elas.

Considerações finais

Em seu artigo “Corpo seres que não importam? Sobre homossexuais velhos” (2009) o sociólogo Cristian Paiva questiona “Como pensar um ciclo de vida homossexual?” (p. 193). A presente comunicação pode responder que se partindo do ponto de vista dos corpos das lésbicas envelhescentes que partilharam suas linhas de vidas para os encadeamentos de ideais aqui expostos, significa pensar os movimentos de criar um cotidiano habitável (Das, 2020[2006] para suas existências minoritárias. A antropóloga permite perceber que quando pensamos em violências, não precisamos pensar apenas nos genocídios ou em expressões de violência em massa, mas também olhar para as formas de violência que são naturalizadas e que estão em corpos e subjetividades (Das, 2008). É, então, no cuidado cotidiano, manejado e tecido ao longo de 40 anos de amizade, que as três amigas lésbicas chegam na “terceira idade” podendo habitar o mundo, seus cotidianos e proliferando existências não-normativas,

Enquanto lésbicas envelhescentes, as três amigas são arquivos vivos de afetos, em uma analogia com o trabalho realizado pela Ann Cvetkovich em “An Archive of Feelings: Trauma, sexuality and lesbian public” (2003). São suas lembranças e contextualizações com o presente que nos permite compor um arquivo de sentimentos (Cvetkovich. 2003) o que implicou uma espécie de etnografia sentimental, a partir de seus relatos. Arquivo não como uma forma de guardar o “passado”, mas como registro de vivências e modos de vidas minoritários que colocam em circulação pedagogias de resistências. Ann Cvetkovich mostra como o trauma possibilita o surgimento de

culturas públicas entre mulheres lésbicas e pessoas queers. Aqui, nesta comunicação, foi possível, também, encontrar entendimentos de como os rastros traumáticos das experiências de violência lesbofóbica atuaram na constituição do tipo de relação que as três amigas possui.

Ao falar em um arquivo do trauma queer, Cvetkovich está, também, interessada nas “estruturas de sentimentos que podem chegar a serem culturas alternativas.” (p. 28). É também uma questão para Adriana Azevedo que ao pensar as utopias de lares queers toma o filme *Shortbus*, dirigido por John Cameron Mitchell, para discutir, com José Esteban Muñoz e Jack Halberstam, as “potencialidades das vivências queers, para que seja possível de imaginar um por vir, onde se realizem outros modos de amar, de transar e de estar junto, fazendo da vida mais vivível e respirável” (AZEVEDO, 2016, p. 15). Assim, pensar com as vidas de Cleide, Rosana e Antônia é aprender a cultivar afetos e cuidados transformadores para uma existência em que as pulsões de vida (Rolnik, 2018) não sejam confiscadas. Nos seus 65, 66 e 68 anos, elas no ensinam que é um aprendizado com o tempo e em um cotidiano singular da experiência minoritária.

A casa das três amigas é uma territorialidade de resistência (hooks, 2019). A construção de um lar compartilhado há muito tempo habitava seus horizontes imaginativos, enquanto a materialização não acontecia, foram sendo uma para a outra seus lares. Há de se notar nas falas das amigas que há um encontro entre estarem aprendendo a ter uma “melhor relação com suas lesbianidades” e a concretização da casa compartilhada. Em seu texto “Constituir o lar: um espaço de resistência” (2019), bell hooks aponta para como o lar para mulheres negras e sua família significa, por muitas vezes, um ato de subversão e resistência. Trata-se um espaço onde há possibilidade de “encontrar conforto para nossos pensamentos e nosso coração apesar da pobreza, das dificuldades e privações; onde pudéssemos restaurar a dignidade negada a nós do lado de fora, no mundo público.” (hooks, 2019, p.105). Essa concepção de feitura do lar, de construção de uma casa como local onde aquilo que é negado minorias torna-se possível e real é muito potente para pensar, também, as implicações contidas no movimento realizado pelas amigas lésbicas. O lar, desde antes de sua realização material, foi em suas vidas como espaço e território de cuidado, cura e autorrecuperação.

Esta comunicação não teve por o escopo a reflexão sobre os significados êmicos da velhice ou do envelhecimento para as interlocutoras mas sim de levantar questões diante do atual curso de suas vidas. Suas vidas foram lidas como detentoras de perspectivas privilegiadas para seguirmos os rastros das temporalidades que marcam a relação dos sujeitos com suas homossexualidades. A fim de etnografar processos, transformações, movimentos e registros dos possíveis, das economias de afetos, das dinâmicas de cuidado entre existências lésbica. Por serem mulheres que acompanharam as atualizações e modificações dos discursos em torno das homossexualidades; que assistiram a forma como as sexualidades dissidentes foram sendo refeitas e tratadas desde os anos 70 até o tempo presente, suas narrativas são imagens das singularidades éticas que pode existir nas relações entre minorias sexuais. Trauma e memórias de violência e subjugação não são esquecido e compõe junto com atos de acolhimento, amor e cuidado os territórios existenciais (Guattari, 1992) de Cleide, Rosana e Antônia.

Referências bibliográficas

AHMED, Sarah. **The Cultural Politics of Emotion.** (2004). Routledge Press, 2004

AZEVEDO, Adriana Pinto. (2016). **Reconstruções queer: por uma utopia do lar.** Tese (Doutorado em literatura, cultural e contemporaneidade)- Departamento de letras do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC- RIO. Rio de Janeiro, 147 f, 2016

BARTHES, Roland.. (1984). **A câmara clara.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984

_____. (2018) **Roland Barthes por Roland Barthes.** São Paulo: Estação liberdade, 2018

BUTLER, Judith. (2019). **Corpos que importam: O limite discursivo do "sexo".** São Paulo: N-1 Edições, 2019.

CARDOSO, Vania Zikán; GONÇALVES, *Marco Antônio*; MARQUES, Roberto. (Org.). (2012). **Etnobiografia: Narrativa e Subjetividade**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012

CERTEAU, Michel de. (2002). **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2002.

CVETKOVICH, Ann. (2003) **An Archive of Feelings. Trauma, Sexuality and Lesbian Public Cultures**. Durham: Duke University Press, 2003

DAS, Veena. (2020). **Vidas e Palavras: a violência e sua descida ao ordinário..** São Paulo: Editora Unifesp, 2020.

_____(2008). **Violence, Gender and Subjectivity**”, Annual Review of Anthropology. Vol. 37, pp. 283-299.

ERIBON, Didier. **Reflexões sobre a questão gay**. (2009). São Paulo: Companhia de Freud, 2009

GUATTARI, Félix. (1992). **Caosmose: um novo paradigma ético-estético**. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1992

HENNING, Carlos Eduardo. (2014). **Paizões, Tiozões, Tias e Cacuras: envelhecimento, meia idade, velhice e homoerotismo masculino na cidade de São Paulo**. Tese (Doutorado em Antropologia Social)- Departamento de Antropologia Social da Unicamp. Campinas, 397 f, 2014.

hook, bell. (2019). **Sobre a autorrecuperação**. In: Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra. São Paulo: Elefante, 2019.

_____. (2019). **Constituir o lar: Um espaço de resistência**. In: Anseios: raça, gênero e políticas culturais. São Paulo: Elefante, 2019,

____ (2021). **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. São Paulo: Elefante, 2021

INGOLD, Tim. (2015). **Estar vivo: Ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015

PIETTE, Albert. (1992). **Le mode mineur de la réalité: paradoxes et photographies en anthropologie.** Paris: David Brown, 1992

ROLNIK, SUELY. (2018). **Esferas da insurreiçao: notas para uma vida nao cafetinada.** São Paulo: n-1 edições, 2018

SIMÕES, Júlio. (2011). **Corpo e sexualidade nas experiências de envelhecimento de homens gays em São Paulo.** A Terceira Idade – Estudos sobre Envelhecimento – Revista Eletrônica – Serviço Social do Comércio (SESC), São Paulo, v. 22, n. 50, p. 07-19, jul. 2011.

SORAINEN, Antu. (2020). **Gay Back Alley Tolstoys and inheritance perspectives.** In: *Queering Knowledge: Analytics, Devices, and Investments after Marilyn Strathern.* Londres: Routledge. 2020.

VARJÃO, João Victor. (2021). **Andando junto: relacionalidade LGBTQ+ e o parentesco “passivo” na Companhia de Teatro Drama em Juazeiro da Bahia.** Dissertação (Mestrado em Antropologia)- Departamento de Antropologia da UFBA. Bahia, 170f., 2021.

ZAMBONI, Marcio. (2016). **Interloquções da dor: a epidemia de HIV/ aids na perspectiva de mulheres homossexuais.** Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades, v. 9, n. 13, 18 jun. 2016.